



Editorial

Elias Wolff

Em sua visita a Puerto Maldonado, Peru, em outubro de 2017, o papa anunciou a intenção de realizar um sínodo para refletir sobre a Igreja na Amazônia. Em 15 de outubro do mesmo ano, o pontífice refez o anúncio do sínodo na oração do Ângelus na Praça de São Pedro. Trata-se da *Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica*, realizada entre 6 e 27 de outubro de 2019, com o tema *Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral*. O objetivo foi “escutar todas as comunidades que vivem na Amazônia”, buscando compreender como deve ser a Igreja e a sua missão nessa extensa área geográfica e cultural de mais de 7 milhões de quilômetros quadrados, com mais de 30 milhões de habitantes pertencentes a vários povos e etnias de nove países. No dia 19 de janeiro de 2018, no *Encontro com os povos da Amazônia* realizado no Coliseu Madre de Dios, Peru, o papa afirmou que “a Igreja não é alheia aos vossos problemas e à vossa vida”. Pediu-lhes que ajudassem bispos, missionários e missionárias para que, dialogando com os povos da Amazônia, pudessem “plasmear uma Igreja com rosto amazônico e uma Igreja com rosto indígena”. E confirmou: “com este espírito, convoquei um sínodo para a Amazônia no ano de 2019”.¹

Os trabalhos logo se iniciaram, formando a comissão que prepararia o sínodo, a nomeação de presidentes e delegados, e a publicação dos documentos pré e pós-sínodo: em junho de 2018 foi publicado o *Documento preparatório*; em junho de 2019, publicou-se o *Instrumentum laboris*. No final do sínodo, em 26 de outubro, foi votado o *Documento final*; e em fevereiro de 2020, o papa Francisco publicou a exortação apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia*.²

O sínodo prossegue o caminho proposto pelo papa Francisco de uma “Igreja em saída” para compreender e enfrentar os desafios da missão nos diferentes contextos. E o faz ouvindo os bispos e o povo de Deus na região, coerente com a sua proposta de sinodalidade para toda a Igreja. É um sínodo regional, mas com alcance universal nas questões centrais debatidas, como a inculturação da missão, a ecologia, a conversão à sinodalidade eclesial, o diálogo intercultural

¹ FRANCISCO. Encontro com os povos da Amazônia. **Santa Sé**, 19 jan. 2018. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180119_peru-puertomaldonado-popoliamazonia.html>. Acesso em: 25 jul. 2020.

² Todos esses documentos estão disponíveis no site oficial do Sínodo da Amazônia. Disponível em: <<http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos.html>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

e entre diferentes formas de crer, a ministerialidade pensada a partir das urgências da missão em cada contexto – o que diz respeito também a um tipo especial de exercer o ministério ordenado e ao lugar da mulher nas estruturas eclesiais. São questões que exigem coragem para um redimensionamento teológico e uma reestruturação da igreja em função da missão, não apenas na Amazônia, mas para a igreja toda.

Em sua exortação pós-sinodal, o papa Francisco assumiu o *Documento final* aprovado pelos participantes do sínodo, afirmando que “não pretendo substituí-lo e nem repeti-lo” (QA 2), significando que as resoluções do sínodo podem, e precisam, ser agora acolhidas pelos bispos da região amazônica. E passos estão sendo dados para isso, como a Conferência Eclesial da Amazônia, criada na reunião virtual realizada entre os dias 26 a 29 de junho do presente ano. Esse importante organismo eclesial concretiza uma das orientações do sínodo: “criar um organismo episcopal que promova a sinodalidade entre as igrejas da região, que ajude a delinear o rosto amazônica desta Igreja e que continue a tarefa de encontrar novos caminhos para a missão evangelizadora” (DSA 115). Certamente a Conferência Eclesial da Amazônia dará continuidade à aplicação de outras decisões sinodais no espírito da exortação *Querida Amazônia*. Ser Igreja é ser povo de Deus, encarnado nos povos da Terra e em suas culturas, de modo que a universalidade ou catolicidade da Igreja se enriquece com a beleza do rosto pluriforme das diferentes manifestações do ser eclesial em cada contexto sociocultural.

O presente número da revista *Caminhos de Diálogo* traz ricas análises do sínodo para a Amazônia e as perspectivas de diálogo, *ad intra* e *ad extra ecclesia*. Em nosso tempo, há novas configurações teóricas e práticas do diálogo, com a emergência de novos contextos e novos sujeitos, novas pautas de discussão e novas perspectivas, o que exige a elaboração de novos métodos para dialogar, bem como a revisão dos seus objetivos, o redimensionamento de seus conteúdos e a ampliação de seus horizontes. É difícil, mas necessário, contemplar os anseios e as expectativas das diversas identidades que interagem na sociedade atual, em suas expressões culturais e de fé. A finalidade do diálogo não é responder aos anseios de cada grupo individualmente, e sim encontrar as formas de integrar a todos nos compromissos de construir uma *oikoumene* que seja globalmente significativa. Assim, no diálogo, busca-se um horizonte de sentido que atenda às demandas individuais na mesma medida em que essas respondem às necessidades de sentido da coletividade.

Nesta publicação de *Caminhos de Diálogo*, apresentamos análises do sínodo para a Amazônia em diferentes perspectivas. No dossiê, Edivaldo José Bortoleto, Eustáquio Rosa, Margarida Freitas, Rosa Gitana Krob Meneghetti e Tereza Mitsue Horibe, fazem uma apurada e crítica análise da *Amazônia em chamas: a tensão entre o cuidado e o desamor*; Joachim Andrade trata *Da plenitude à ecologia integral: apelos do Sínodo da Amazônia para as relações dialogais*, refletindo sobre as formas em que o divino dialoga com humanidade em contextos específicos para preservar ordem ou estabelecer a justiça; Paulo Suess, perito do sínodo, aborda *O sínodo para a Amazônia: entre conveniência pastoral e audácia*

socioecológica mostrando que o macro bioma Pan-Amazônia exige cooperação, solidariedade e justiça mundial; Moab César Carvalho Costa, delegado pentecostal no sínodo, trata sobre “*O sínodo para a Amazônia na perspectiva de um pentecostal: uma análise dos círculos menores na construção do Documento final*”, fazendo uma análise comparativa da contribuição dos círculos menores que atuaram durante o sínodo no processo de construção do *Documento final*; Stefano Raschietti indica *Perspectivas decoloniais do sínodo para a Amazônia*”, explorando a possibilidade de descolonizar a missão cristã; Antônio Lopes Ribeiro fala sobre o *Sínodo da Amazônia: o olhar da Igreja sobre o drama vivido pelos povos indígenas e pela natureza*”; e Gonzalez Rivera Edgar Javier trata do *Sínodo Panamazônico y diálogo: una lectura sincrónica del concepto “Madre Tierra”*”, contribuindo para entendermos a proposta profética do sínodo em seu ensino ecológico.

Entre os demais artigos, trazemos a reflexão de Éverton Aparecido da Silva sobre *A formação para o diálogo dos ministros ordenados: abordagem do magistério eclesiástico*, mostrando que o diálogo, em todas as suas dimensões, é imperativo na Igreja, com particular compromisso de quem exerce o ministério ordenado; Emmanuel Ifeka Nwora e Marta Helena de Freitas estudam *Intervenções em contextos indígenas: vicissitudes e perspectivas*, considerando o valor do sínodo para a Amazônia no fortalecimento da vida dos povos originários, sobretudo dos povos indígenas; e, por fim, Eraldo Leme Batista apresenta estudo sobre *Os intelectuais católicos nos primórdios do século XX no Brasil*, tratando principalmente da doutrina católica nos espaços de poder, nomeadamente a educação e a vida política.

Esperamos que o presente número de *Caminhos do Diálogo* favoreça para que os(as) leitores(as) acolham o Sínodo da Amazônia e a sua proposta de diálogo e cooperação como elementos constitutivos do próprio ser e agir, tanto no nível pessoal quanto no nível de instituições sociais, culturais e religiosas do nosso tempo. Diálogo, convivência, solidariedade e cooperação entre as diferentes formas de ser e de crer se fazem ainda mais urgentes no atual contexto de pandemia de COVID-19. Desde dezembro de 2019, a humanidade sente-se ameaçada pelo contexto pandêmico, vivendo em situações de incertezas em todas as dimensões da vida, pessoal e coletiva. Como tradições de fé, temos uma palavra a ser pronunciada de modo significativo nesse contexto, acompanhada por atitudes que expressem real sensibilidade humana e religiosa para com quem mais sofre pela pandemia, como as pessoas pobres e os povos indígenas. O Sínodo da Amazônia foi um exemplo desse necessário e urgente exercício de pronunciar uma palavra profética, de forma dialógica, tanto para a identificação de problemas, como para fortalecer a solidariedade e a cooperação para a sua superação. Urge que saibamos conversar, escutar e falar, com a coragem e a ousadia de nos deixarmos conduzir pela ação do Espírito Santo que nos aponta respostas condizentes aos desafios que enfrentamos, como sociedade e como comunidades religiosas, na atual situação de pandemia. O sínodo para a Amazônia nos ensina a percorrermos esse caminho. ✨